

COMPOSTOS NPREPÑ NO PORTUGUÊS ARCAICO:
ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS¹

NPREPÑ COMPOUNDS IN ARCHAIC PORTUGUESE:
MORPHOSYNTACTIC ASPECTS

Antonia Vieira dos Santos
Universidade Federal da Bahia
toniavieira@gmail.com

RESUMO:

Neste artigo, descrevemos os compostos NprepÑ levando em consideração alguns aspectos de natureza morfossintática, como flexão e determinação, com o objetivo de demonstrar o caráter mais sintático e mais periférico desse tipo de estrutura frente aos compostos morfológicos e morfossintáticos. Os dados utilizados como *corpus* provêm do português arcaico (séc. XIII-XVI) e foram retirados de Santos (2009).

PALAVRAS-CHAVE: Compostos; Português Arcaico; Flexão; Determinação

ABSTRACT:

In this article, we describe the NppÑ compounds taking into consideration some aspects of morphosyntactic nature, as inflection and determination, in order to demonstrate the more syntactic and more peripheral character of this type of front structure to the morphological and morphosyntactic compounds. The data used as corpus comes from the Archaic Portuguese (XIII-XVI centuries) and were taken from Santos (2009).

KEYWORDS: NprepÑ Compounds; Archaic Portuguese; Inflection; Determination

¹ A base deste artigo foi o capítulo sobre os compostos NprepÑ, que compõe a nossa tese de doutorado (SANTOS, 2009). Trabalho desenvolvido com apoio financeiro do Prodoc/UFBA

Introdução

Os compostos NprepN, ao lado dos compostos NA e AN, são os que mais impõem dificuldades para a distinção de sintagmas livres da língua. Para Marchand (1969, *apud* KASTOVSKY, 2005, p. 105), no entanto, todos os compostos são sintagmas e, como entidades gramaticais, precisam ser explicadas do ponto de vista da frase, em cujas relações sintáticas eles se espelham. Contudo, em algumas abordagens sobre a composição de palavras, é negado o estatuto de composto a determinados tipos de construções, principalmente NprepN e NA, que, no entanto, segundo estatística apresentada por Rio-Torto e Ribeiro (2012), constituem os padrões mais produtivos no português europeu contemporâneo. Em geral, a realização de flexão interna é invocada para evidenciar o estatuto sintático dessas construções, como em Booij (2005). No entanto, é a refração interna a qualquer mudança lexical que consiste no principal teste de composicionalidade em português (*pai de família*: *pai dessa família/*pai de família rica). Por fim, concordando com Guevara e Scalise (2009, p. 7) de que “as muitas definições de compostos estão rigorosamente predeterminadas pelas escolhas teóricas feitas pelos autores”, levaremos em consideração a definição de composição apresentada por Ribeiro e Rio-Torto (2013, p. 385): “a composição é um processo de formação de palavras [...] que envolve uma relação de concatenação, de cariz coordenativo, subordinativo ou modificativo, entre pelo menos duas unidades lexicais - radicais, temas ou palavras”. É também de Ribeiro e Rio-Torto (2013), a classificação dos compostos (morfológicos, morfossintáticos e sintáticos) adotada neste trabalho.

Pretendemos, portanto, demonstrar o caráter mais sintático e mais marginal desse tipo de estrutura frente aos compostos morfológicos e morfossintáticos, a partir de dados do português arcaico (séc. XIII-XVI), registrados por Santos (2009).

Nas seções a seguir, apresentaremos um breve histórico desse padrão composicional em latim e algumas reflexões sobre esses compostos segundo alguns gramáticos e linguistas. Em seguida, descreveremos os dados recolhidos de Santos (2009) e procederemos à análise, levando em consideração o aspecto da pluralização do núcleo e da (não) determinação do nome que ocupa a posição de não núcleo. Para o propósito da pesquisa, foram selecionados apenas os compostos NprepN que apresentam variação na forma da preposição, indicando (ou não) a determinação do nome do complemento, aqueles que se apresentam pluralizados, com a pluralização incidindo sobre o núcleo, e aqueles que indicam variação de gênero. Em relação a esses dois últimos aspectos, serão analisados, de forma comparativa, estruturas NprepN e NN.

1. Antecedentes históricos: breves considerações

A estrutura NprepN era inexistente em latim, sendo a função da atual preposição *de*² desempenhada pelo morfema casual do genitivo (MAURER JR., 1959, p. 240), caso do adjunto adnominal restritivo, que designa uma restrição ao sentido pleno da palavra por ele modificada, indicando, por vezes, a posse (GARCIA; CASTRO, 2003, *s.u.* genitivo). Esse fato justifica o grande número de justaposições latinas de dois nomes, em que, em geral, o genitivo ou determinante está representado pelo primeiro elemento (N_{gen} N). Darmsteter (1894 [1874], p. 38 *et seq.*) apresenta como exemplos latinos em que subjaz a estrutura NprepN PLEBISCITUM, AQUAEDUCTUS, LUDIMAGISTER, TERRAEMOTUS, PATERFAMILIAS etc. e nomes de lugar como FORUM APII, FORUM CAESARIS, FORUM POPULII, FORUM SEMPRONII etc.³

Também em português, compostos NprepN evidenciam interação com os compostos de estrutura NN⁴. A intersecção dos compostos NN com os compostos NprepN ocorre porque muitas construções NN revelam, ao se analisar a sua estrutura sintático-semântica interna, a omissão de determinadas preposições. Tal omissão pode representar um apagamento devido ao tempo, ou mesmo ser o resultado de um procedimento analógico (como o caso dos compostos atuais com *bolsa*: *bolsa-escola*, *bolsa-família*, *bolsa-atleta* etc). Esse apagamento, ou mecanismo analógico, estende-se também à conjunção coordenativa. Observem-se, por exemplo, as formas **mestre-de-escola*, **mestre-de-sala*, **rádio-e-gravador*, **copa-e-cozinha*⁵ ao lados das respectivas formas dicionarizadas *mestre-escola*, *mestre-sala*, *rádio-gravador*, *copa-cozinha*⁶.

² A referência é feita à estrutura NdeN, mais comum no âmbito dos compostos, mas também ocorrem outras preposições nessa posição, evidenciando outros tipos de relação sintática. Na língua latina clássica, as diferentes relações sintáticas são expressas pelas marcas morfológicas de caso.

³ Expressões latinas de genitivo como CORPUS DOMINI e CORPUS CHRISTI são facilmente encontradas nos textos das *Cantigas de Santa Maria* e da *Primeyra Partida*.

⁴ Ocorre, ainda, que um composto NprepN pode corresponder a um composto com a estrutura VN, conforme registros do Houaiss (2009): *abaixador de língua/abaixa-língua*; *abridor de boca/abre-boca*; *marcador de livro/marca-livro*.

⁵ O asterisco simboliza que as formas sob as quais recai não estão dicionarizadas em Houaiss (2009).

⁶ Não se verificam exemplos latinos com *de* no lugar do genitivo (MAURER JR., 1959, p. 240), enquanto no português arcaico não era unusual a omissão dessa preposição (NUNES, 1956, p. 388-389).

2. Algumas reflexões sobre os compostos NprepN

A estrutura NprepN atende ao padrão sintático regular em português, como se pode observar nos exemplos arrolados por Mattoso Câmara Jr. (1979, p. 213): *estrada de ferro*, *mestre de cerimônia* e *oficial de justiça*. A flexão de número, incidindo sobre o núcleo, evidencia essa aproximação com sintagmas livres: *estradas de ferro*, *mestres de cerimônia*, *oficiais de justiça*⁷.

Trata-se, portanto, como aponta Bustos Gisbert (1986, p. 72), de compostos que mais se assemelham a sintagmas nominais da sintaxe livre, caracterizados pelo “degré faible de figement” (LE PESANT, 2003, p. 105). O fato de serem, em regra, semanticamente composicionais – e, portanto, endocêntricos – e de poderem constituir séries léxicas alargadas, em que o termo da direita, não nuclear, é comutável no âmbito de determinado paradigma lexical, torna, sem dúvida, essa estrutura produtiva, principalmente no domínio da criação lexical terminológica (LE PESANT, 2003, p. 105, 108)⁸.

Compostos com a configuração NprepN não são abonados na gramática da língua portuguesa de João de Barros, de 1540, onde a composição é descrita, relativamente ao número de unidades envolvidas, como sendo de “duas partes” significativas (como em «rede-fole», «arquibanco», «torçicólo» etc.)⁹, mas há referência a construções envolvendo uma preposição e um nome («*tràspé*, de *trás* e *pé*). Na gramática filosófica de Jerônimo Barbosa (1881 [1822], p. 85), é referido que o composto pode envolver «três palavras», sendo a terceira palavra, como se depreende dos exemplos arrolados pelo autor (*capaemcollo*, *fidalgo*, *malmesquer*, *vent’apôpa*), um elemento gramatical.

Em Nunes (1956, p. 368), a referência ao padrão português NprepN aparece relacionada com a substituição do genitivo pela preposição *de*. A respeito da forma *condestável*, Nunes levanta a questão de que ela poderia provir

⁷ Nesse mesmo sentido, Said Ali (1964, p. 261) afirma, sobre a estrutura NprepN, que «[c] ondiz a formação desta espécie de palavras compostas muito com a índole da língua».

⁸ Le Pesant (2003, p. 108) exemplifica com o esquema *verre à N<boisson>*, partindo da suposição de que os compostos a seguir não estão atestados em vocabulários específicos: *verre à xêrès*, *verre à marsala...*, *verre à tokay*, *verre à pinot noir...*, *verre à beaujolais*, *verre à chianti...* Essas palavras compostas foram criadas a partir do paradigma lexical dos nomes de vinho (*verre à bordeaux*, *verre à bourgogne*, *verre à champagne*, *verre à porto* etc.) e estão prontas para suprir eventuais necessidades terminológicas dos setores ligados à produção e comercialização desses possíveis produtos.

⁹ João de Barros (1971 [1524], p. 307-308) refere-se à grande facilidade dos gregos na formação de nomes compostos, acrescentando que «às vezes compõem ùa diçã de quátro significádos com que fãzem a sua língua mui elegante». Quanto aos latinos, afirma que eles também têm seus compostos, «mas nam pássa de três partes».

diretamente do latim COM(I)TE STABULI ou poderia ter se formado no período arcaico da língua, em que era comum omitir a preposição *de*, diferentemente do uso atual, «que sempre a põe clara, como se vê em *mão-dobra*, *espírito-de-vinho*, etc.»¹⁰. Também gramáticas do português contemporâneo, como a de Cunha e Lindley Cintra (1985), por exemplo, contemplam, em capítulo sobre a composição, a estrutura NprepN.

É importante salientar que algumas formas aglutinadas (*fidalgo*, por exemplo) são o resultado de um processo de coalescência morfofonológica de estruturas justapostas NprepN¹¹ (SANTOS, 2012), já semanticamente lexicalizadas, o que permite a inclusão desse tipo de estrutura no estudo dos compostos, embora tais formas não estejam sujeitas a uma análise morfológica sincrônica por ocorrer a perda de fronteiras entre morfemas (BRINTON; TRAUGOTT, 2005, p. 54). Por outro lado, a estrutura-base dessas unidades monoacentuadas não pode ser tratada apenas como uma estrutura “petrificada”, também resultante de um processo histórico, mas como o resultado da escolha de um determinado sintagma para um determinado referente, como aponta Bustos Gisbert (1986, p. 73)¹².

¹⁰ Vasconcellos (1959, p. 308) se refere à perda da preposição *de* em nomes geográficos compostos: «A tendência geral da língua, quando o complemento começa por consoante, é simplificar estes compostos, suprimindo a preposição (e até fazendo outras alterações)», como em *Casal-Tras-Cova* < *Casal de Tras da Cova*; *Porto-Mós* < *Porto de Mós* < *Porto das mós*; *Ribatejo* < *Riba do Tejo*. Acrescenta Vasconcellos (p. 310) que o que ocorre no onomástico também ocorre na linguagem corrente: *beira-mar* < *beira do mar*; *pontapé* < *ponta do pé*; *madre-Deus* < *madre de Deus*.

¹¹ Nesse caso, não ocorre uma transformação de sistemas como se observa em NprepN > NN (*mestre de escola* > *mestre-escola*, por exemplo), mas perda de material fonológico, descharacterizando morfológicamente a estrutura interna do composto. Segundo Val Álvaro (1999, p. 4826), as possibilidades de coesão formal são menores nos compostos NprepN, em relação aos compostos NA e AN, porque é exigida a elisão da preposição, categoria funcional. No entanto, trata-se de uma coesão com um grau de perfeição maior: *hojalata* (de *hoja de lata*) vs. *guardiacivil/guardias civiles, guardiaciviles*. O português *fidalgo* (e o espanhol *hidalgo*) é grande exemplo dessa fusão perfeita, visto que se remete historicamente ao sintagma *filho de algo* (*hijo de algo*). Aqui, no entanto, não ocorre a elisão total da preposição, sendo mais notória a perda da última sílaba de *filho*.

¹² Scalise (1994, p. 124, n. 13) acrescenta à lista de combinações possíveis para os compostos, em nota de rodapé, a estrutura [N + prep + N] (*pomodoro*), entre outras. No caso de *pomodoro* ‘tomate’, trata-se de uma redução morfofonológica de *pomo d’amore* (cf. *Dizionario Etimologico Online*, s.u. *pomodoro*). Estruturas sintagmáticas NprepN, no entanto, parecem não ser consideradas compostos por Scalise, como se depreende da seguinte afirmação do autor: «Infine, forme come *ferro da stira, coda di cavallo* ecc., sono considerate composti da Dardano [1978]».

Não sendo ampla a aceitação do grupo NprepN como um verdadeiro mecanismo de composição, as propostas de classificação desse tipo de estrutura são um pouco tímidas. Línguas como francês, espanhol e português conhecem bem compostos com essa configuração, mas a particularidade flexional por eles apresentada suscita a discordância entre alguns autores em considerá-los como compostos, como Booij (2005, p. 83), por exemplo, que prefere denominá-los de “constructional idiom”, definido como:

A constructional idiom is a fixed syntactic pattern in which some positions may be filled by all kinds of words of the right category, whereas other positions are filled by specific morphemes or words.

Assim, estruturas como *N de N* (fr. *chambre d’hôtes* ‘casa de hóspedes’, com plural *chambre-s d’hôtes*), *N à N* (fr. *salle à manger* ‘sala de jantar’, com plural *salle-s à manger*) possuiriam posições abertas para os nomes e uma preposição fixa, *de* ou *à*. Trata-se de um padrão sintático que se lexicalizou e que serve como modelo para a criação de novas unidades plurilexicais. No entanto, combinações do tipo NprepN são qualificadas como “construções”, e não como compostos, tendo em vista a flexão interna incidindo sobre o núcleo nominal¹³, que, no caso do português, corresponde ao constituinte da esquerda¹⁴. Construções NprepN têm estatuto sintático, o que explica a variação de número (e gênero) no primeiro elemento, e estatuto lexical, uma vez que formam um conjunto de expressões estabelecidas, que ampliam o léxico da língua. É possível, portanto, propor um tratamento sintático e lexical a essas combinações de palavras.

¹³ Segundo Rio-Torto (2013, p. 34), “As many authors (Scalise & Bisetto 1999, Fábregas 2005, Lieber & Scalise 2007) assume, internal inflection is not an adequate and applicable criterion for Romance languages; internal and double plural does not deny the ‘Integrity Principle’ of Romance compounds. Agreement is a syntactic device with scope on the whole structure; sometimes agreement is visible in some of the constituents and other times it is visible in all the constituents. Nevertheless, inflectional patterns are crucial for the delimitation of compound classes”.

¹⁴ Em português, a generalização da categoria sintática do composto é determinada pelo constituinte da esquerda, caracterizado como o núcleo da expressão. Do ponto de vista semântico, o núcleo constitui, no caso de compostos endocêntricos, uma espécie de hiperônimo: por exemplo, *máquina de lavar* é um tipo de *máquina*, substantivo que representa o núcleo da construção. A natureza específica da relação semântica, no entanto, não é previsível em termos estruturais.

No entanto, trabalhos como o de Bustos Gisbert (1986), para o espanhol, e o de Ribeiro (2006, 2010) e Ribeiro e Rio-Torto (2010), para o português, evocam o estatuto de composto para construções NprepN, caracterizando-as, no âmbito de uma hipótese da escalaridade, como menos prototípicas ou menos opacas do ponto de vista configuracional:

+ opaco [compostos morfológicos > VN > NN > AN > NA > NprepN] – opaco

No que se refere às relações intracomposto, observa-se que o sintagma preposicional que se adjuge ao núcleo nominal o especifica, modificando (ao restringi-lo) o seu âmbito de referência. Contudo, além de funcionar como um modificador restritivo, esse sintagma pode desempenhar a função de complemento do núcleo nominal, que, no caso, apresenta a forma de um verbal, como nos exemplos *acelerador de partículas* e *recuperador de calor* (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2010).

Rio-Torto e Ribeiro, em artigos de 2012 e 2013, apresentam uma classificação dos compostos de acordo com a natureza morfolexical dos constituintes internos e com a obediência (ou não) da construção compositiva a regras sintáticas da língua. Têm-se, assim, compostos morfológicos, compostos morfossintáticos e compostos sintagmáticos ou sintáticos¹⁵ (em inglês *phrasal compounds*¹⁶).

Os **compostos morfológicos** envolvem pelo menos um radical não autônomo, em geral de origem grega ou latina, e se caracterizam pela presença de uma vogal de ligação: *cardiopatia*, *hidromassagem*, *sambódromo*, *franco-alemão* (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2013, p. 393).

Os **compostos morfossintáticos** envolvem formas livres e se caracterizam por apresentarem uma estrutura em desacordo ou não totalmente de acordo com os padrões sintáticos típicos da língua: *seguro-saúde*, *morto-vivo*, *vaivém*, *beija-mão* (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2013, p. 399).

O termo **compostos sintagmáticos ou sintáticos** é aplicado a compostos com as configurações NA (*mesa-redonda*), AN (*alto-relevo*), NprepN (*ferro a vapor*), NprepV (*máquina de lavar*), Vpron (*faz-tudo*), NumN (*mil-folhas*) e

¹⁵ Para Booij (2009, p. 216), o uso da noção de “construção” permite um tratamento adequado da natureza tanto lexical quanto sintática da combinação de palavras, enquanto “composto sintático” constitui um conceito híbrido.

¹⁶ De acordo com Moyna (2013, p. 38), “The term ‘phrasal compound’ has been used to refer to constructions [...] which have an internal structure undistinguishable from regularly constructed syntactic phrases (e.g., nominal phrases such as [N + prep + N]_N and [N + A]_N or [A + N]_N)”.

alguns compostos com a configuração VN (*limpa-vidros*)¹⁷. São assim chamados pois “exibem um padrão estrutural que se coaduna com o que é próprio das estruturas sintáticas correspondentes” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2013, p. 401), ou seja, esses compostos apresentam a mesma estrutura da sintaxe livre, o que torna a delimitação de fronteiras entre compostos e as estruturas sintáticas livres dependente da aplicação de critérios principalmente de natureza sintática.

Dessa forma, por corresponderem a estruturas sintáticas, os compostos NprepN são submetidos a alguns testes com a finalidade de se verificar o seu estatuto léxico. O primeiro teste diz respeito à impossibilidade de inserção de modificadores entre os elementos nominais do composto: [*livro de cozinha*] *fascinante*/**livro fascinante de cozinha* (LANG, 1997, p. 119), bem como à modificação parcial por um adjetivo: [*livro de cozinha*] *novel*/**livro de [cozinha nova]*. Outro critério, sobre o qual nos debruçaremos, diz respeito à impossibilidade de o segundo elemento ser precedido por um determinante, o que, de certa forma, corresponde a uma alteração no interior do composto¹⁸. No caso mais geral, a contração da preposição *de* com o artigo definido (*fim de semana*/**fim da semana*). Como apontam Ribeiro e Rio-Torto (2013, p. 388), “o composto *fim de semana* denota o conjunto de dias de lazer no intervalo entre as semanas, ou seja, o período de descanso que vai do final de semana de trabalho até o final de domingo”, enquanto *fim da semana*, apresentando valor anafórico, “compreende os últimos dias de trabalho e/ou de lazer da semana de que se fala”. De fato, a presença do artigo diante de segundo constituinte nominal “desconstrói” a unidade léxica do sintagma, como observado no exemplo. Da mesma forma, não teríamos “fim dessa semana” nem a comutação do núcleo por outro termo sinonímico: “ término de semana”.

Nos dados do português arcaico, ocorrem estruturas NprepN com variação no sintagma preposicional, isto é, preposições com e sem o artigo definido acoplado (*selo de puridade* ~ *selo da [de + a > da] puridade*). Nesses casos, ainda poder-se-ia falar de estruturas composicionais? Defendemos que sim,

¹⁷ Ribeiro e Rio-Torto (2013, p. 401) distinguem compostos VN do tipo *abre-latas*, *guarda-joias*, *limpa-vidros* de compostos VN do tipo *beija-mão* e *finca-pé*. Enquanto os primeiros correspondem ao padrão próprio das estruturas sintáticas do português (Ele abre latas com facilidade; Ele guarda joias raras em casa; Este produto limpa vidros e outras superfícies com grande eficiência), os segundos, para funcionarem como sintagmas verbais, necessitam do determinante diante do nome (O noivo beija a mão da noiva/*O noivo beija mão da noiva).

¹⁸ Segundo Ribeiro e Rio-Torto (2009), “In Portuguese compounding changes in the conditions of determination are also blocked, as they could completely modify the meaning and the reference, mainly when the structure is [NprepN]_N”.

atribuindo a essa variação a instabilidade gráfica e linguística que caracteriza os textos portugueses do período medieval.

3. Descrição, análise e discussão dos dados

Nesta seção, apresentaremos os dados registrados por Santos (2009) em sua tese de doutorado¹⁹. Primeiramente, descreveremos construções NprepN que apresentam variação na forma da preposição, variação que corresponde à determinação/não determinação do nome que constitui o complemento (N2) do núcleo. Em seguida, descreveremos, de forma breve, como se dá a flexão de número e a determinação do gênero nesse tipo de estrutura, em comparação com compostos NN.

3.1. Compostos com variação na determinação de N2

Observaremos os seguintes casos: *camara de paramento* ~ *camara do paramento*, *clerigo de missa* ~ *clerigo da missa*, *quinta feyra da çea* ~ *quinta feyra de çena*, *seelo da puridade* ~ *seello de puridade*, *seelo do chumbo* ~ *seelo de chumbo*, *cura d'almas* ~ *cura das almas*, em que o elemento determinante de N2 é o artigo definido. A ausência do determinante revela, em geral, o alto grau de coesão da estrutura. Será que a mudança nas condições de determinação nesses exemplos modifica a referência da construção, desativando o significado lexicalizado do composto?

1) *camara de paramento* e *camara do paramento*

«Pera mayor declaraçom de como entendo que devemos aver das cousas sentimento virtuosamente, eu consiiero no coraçom de cadahũu de nos cynquo casas, assy ordenadas como costumam senhores. Prymeira, salla, em que entram todollos do seu senhorio que omyzyados nom som e assy os estrangeiros que a ella querem viir. Segunda, **camara de paramento**, ou ante-camara, em que costumam estar seus moradores e algũus outros notavees do reyno» [LC 303.6]

¹⁹ Os textos que forneceram dados foram: CSM - Cantigas de Santa Maria (séc. XIII); CEMD - Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer (séc. XIII); CGE - Crónica Geral de Espanha (séc. XIV); PP - Primeyra Partida (séc. XIV); LC - Leal Conselheiro (séc. XV); TT - Tratado de Tordesilhas (séc. XV); CDP - Crónica de Dom Pedro (séc. XV); VFDJ - Vida e Feitos d'El Rey Dom João Segundo (séc. XVI).

«E quando nos verer o sentimento d' algũa cousa, devemos bem consiirar quatro fundamentos. Prymeiro, qual he o feito de que nos vem. Segundo, a paixom que nollo faz sentir. Terceiro, a pessoa por que o avemos. Quarto, a que fym somos moydos de o aver. Ca dizem os sabedores que a fym dos feitos he seu fundamento que nos demove aos começar e contynuar, por aver o que nos praz, ou scusar o que receamos. E pois a fim delles he seu começo, prymeiro a devemos ordenar em nosso coração, poendo na salla todallas cousas que nom tem outra, afora filhar prazer. Na **camara do paramento** as do proveito. As da saude corporal na camara do dormir.» [LC 304.5]²⁰

A *câmara de paramento*²¹ é definida como ‘uma espécie de antecâmara’, ou seja, o aposento que antecede a câmara, aí entendida como ‘quarto de dormir’, como se observa na sequência do texto do *Leal Conselheiro*:

«Terceira, **camara de dormyr**, que os mayores e mais chegados de casa devem aver entrada. »

O significado denotado pelos sintagmas “do paramento” e “de dormir” é o de finalidade.

Nos dois registros, parece conservar-se a unidade semântica do composto, embora no segundo conste a determinação do nome pelo artigo definido.

2) *clerigo de missa* e *clerigo da missa*

«Enfermo sendo algũu *que queira* comũgar deueo aa enuiar dizer ao **clerigo da missa** *que* aduga o «corpus Cristi» ca o *quer* rreceber» [PP VII.450]

«E ainda eno tẽpo antigo os bispos prestes os soyã chamar, *pero* este nome deste *preste* e de sacerdote tanto *quer* dizer eno nosso lin[gu]agẽ como **clerigo de missa** *que* ha de cõsagrar o corpo de *Nostro Senhor Ihesu Cristo*» [PP IX.222]

A estrutura *clerigo da missa*, único registro na *Primeyra Partida*, introduz certa ambiguidade na interpretação dos enunciados, pois *missa*, ao ser determinada pelo artigo definido, pode significar que esse mesmo termo já foi referido no texto (referência anafórica). De qualquer forma, o complemento “de missa” denota a função do nome à esquerda (N1).

²⁰ Nesse trecho, D. Duarte usa o palácio para a construção da metáfora do coração humano (GOMES, 2007, p. 312).

²¹ Segundo nota no *Leal Conselheiro* (p. 304), *paramento* não está relacionado com paramento ‘peça de ornato’, mas com parar ‘estar, conservar-se’.

3) *quinta feyra da çea, quinta feyra de çena e quinta feyra çea*

«E esto sse mostra eneste logar de *que* o fez Sanhoãne auãgelista en *que* cõta o *que* Nostro Senhor Ihesu Cristo obrou **quinta feyra da çea**» [PP III.504]

«E por quães rrazõdes deue seer onrrada e aguardada a festa de joues de **quinta feyra de çena** en *que* ha de seer sagrada a *crisma*» [PP III.33]

«Primado e patriarca cada hũu destes podem fazer en sseu patriarcado assinaadamẽte estas cousas assinaadamẽte, assi como cõsagrar as jgreias e fazer altares de nouo e podẽ bẽzer os calezes e cõsagrar as aras e ffazer crisma aa **quinta feyra [] çea**» [PP VIII.379]

As três expressões ocorrem na *Primeyra Partida* (séc. XIV), sendo que *quinta feyra da çea* é a mais frequente, pois *çea*, ao ser determinada pelo artigo definido, indica com precisão de que ceia se trata, ou seja, a última ceia que Jesus Cristo teve com seus apóstolos. O complemento do núcleo composto indica, portanto, um evento específico. A expressão em que está ausente a preposição contraria a sintaxe da língua, podendo ser esta ausência oriunda de uma omissão do copista.

4) *seelo da puridade e seello de puridade*²²

«e enviamos alló sobr' esto Joham Fernandez de Mellgarejo, chancellor do nosso **seello da puridade**» [CDP II.43]

«Ca tal deue seer a confissom como **seelo de puridade** que pom o homẽ por guarda da cousa *que* nõ quer *que* seia sabuda» [PP VI.1035]

Estas abonações ocorrem em dois textos distintos - *Crónica de D. Pedro* (séc. XV) e *Primeyra Partida* (séc. XIV). O complemento “de/da puridade” (*puridade* < lat. PURITAS, ĀTIS ‘clareza, pureza, limpidez’) denota finalidade do N1, uma vez que o selo tem a função de autenticar, validar atos expedidos pelo monarca.

5) *seelo do chumbo e seelo de chumbo*²³

«E por certidam e corroboraçõ do quall asinamos esta nossa carta do nosso signal e a mandamos seelar do noso **seelo do chumbo** pendente ã fios de seda de cores» [TT 8r.3]

²² ‘selo pequeno que estava sob o controle direto do rei, utilizado principalmente para a validação de ações oriundas da esfera do sigilo e como uma alternativa ao poder da chancelaria’ (SANTOS, 2009, vol. II, s.u. seelo de puridade).

²³ *Seelo de chumbo* era uma ‘espécie de selo que se prendia a um documento ou acompanhava uma carta, conferindo-lhe a autenticidade, também chamado de *bola* ou *bula*, pelo seu formato em geral redondo’ (SANTOS, 2009, vol. II, s.u. seelo do chumbo)

«aa outra aprouaçã e retifficaçã desta dita capitullacã scriptas em purgaminho e firmadas dos nomes dos ditos senhores seus constituintes e seeladas con seus **seelos de chumbo** pendentes» [TT 7r.22]

O complemento “de chumbo” denota o tipo de material de que é constituído o nome na posição de núcleo (N1). No segundo exemplo, fica evidente que o adjetivo “pendentes” tem escopo sobre todo o composto, fazendo a concordância com o número plural do núcleo “seelos”.

6) *cura d'almas ~ cura das almas*²⁴

«Outrossy pode despẽssar cõ aquel *que* ha XIII anos por *que* possa auer jgreia *que* aia **cura d'almas**» [PP VIII.1644]

«A IIª rrazõ he por *que* [vigairo] *que* poẽ en algũa eygreia deue seer por senpre e auer **cura das almas** saluo ende se ffosse algũa *cousa* por *que* o deuesse perder» [PP XX.298]

Nesse caso, observa-se que o nome que integra o sintagma preposicional está no plural, denotando, o complemento o alvo de N1, representado por “cura”.

7) *maestres das chagas ~ mestre de chagas*²⁵

«E isto meesmo seya dos **maestres das chagas**» [FR IV.785]

«Se alguu fisico ou **maestre de chagas** tomar alguu en guarda a *preyto que* o saasse e ante *que* seya saao morrer daquella enfermidade, nõ possa demandar o *preço que* auia talhado» [FR IV.796]

Também nesse caso, o complemento “das chagas” constitui o alvo de N1, estando no plural o nome que integra o sintagma preposicional.

A análise das abonações apresentadas evidencia que a variação na forma da preposição, sem a presença do artigo definido ou com ele contraída, não resultou, em geral, na desativação do significado lexicalizado do composto sintático. A variação presente nos dados registrados pode ser atribuída à assistemática/inestabilidade gráfica e linguística que caracteriza o português arcaico.

²⁴ Cura das/de almas corresponde ao ‘ofício de cura de almas, isto é, de conselheiro espiritual’ (SANTOS, 2009, vol. II, s.u. cura d'almas).

²⁵ O *maestre de chagas* é definido como o ‘médico com especialidade no tratamento de feridas’ (SANTOS, 2009, vol. II, s.u. maestros das chagas).

Além da variação na forma da preposição “de”, encontramos, numa mesma obra - *Crónica Geral de Espanha* - um caso em que ocorre alternância entre as preposições “de” e “em”: *cavalleiro d’armas* (em que *d’ = de*) e *cavalleiro ã armas*:

«E foi hi cõ elle Roy Vaasquez, que foy tam bõõ **cavalleiro d’armas** em aquelle dya que muito lhe valera mais de morrer hy que como lhe despois aveo» [CGE3 116.26]

«E, daquella esporoadada primeira fezerõ muy grãde dampno nos mouros, ca o conde era muy bõõ **cavalleiro ã armas** e os seus outro tal» [CGE3 55.19]

A primeira forma, *cavalleiro d’armas*, é a mais frequente. Também nesse caso, não se observa a desconstrução da unidade semântica da estrutura.

3.2. Compostos com determinação de N2 pelo artigo definido

A seguir, apresentaremos exemplos de alguns compostos NprepN em que a preposição *de* vem sempre contraída com o artigo definido, fato que, no entanto, não descaracteriza o caráter composicional da estrutura:

1) *escrivam da camara*²⁶

«E Fernam de Pina **escrivam da camara** era diante sobre ho dito trato pera de lá o avisar do que nisso se passasse» [VFDJ 4667]

Nesse caso, a preposição “de” expressa, juntamente com o nome que rege, uma relação de ‘local onde N1 desempenha a função ou o ofício de escrivão’.

2) *escrivam da Fazenda*²⁷

«E o primeiro homem que pera yr lá se ofereceo, foy Fernam Lourenço seu **escrivam da Fazenda**, que despois foy feytor das Casas da India e da Mina» [VFDJ 958]

Nesse caso, o significado expresso pelo complemento “da Fazenda” é ‘área de que se ocupa N1’.

²⁶ *Escrivam da camara* corresponde ao ‘indivíduo que tinha por função escrever diante do rei’ (SANTOS, 2009, vol. II, s.u. *escrivam da camara*).

²⁷ *Escrivam da Fazenda* era o ‘funcionário público encarregado do registro de fatos concernentes às finanças’ (SANTOS, 2009, vol. II, s.u. *escrivam da Fazenda*).

3) *maestre da nave*²⁸

«E o **maestre da nave** diss' a un seu ome: «Vai, coz / carn' e pescado do meu aver, que te non cost' hũa noz» [CSM 5.147]

O valor semântico atribuído pelo complemento “da nave” é ‘local onde N1 (= comandante) desempenha sua função’.

4) *moços da capella e moços da camara*²⁹

«E ahos vinte e quatro dias do mes de Setembro do anno de mil e quatrocentos e setenta e sete, hum dia ante manhaã com hum capellão, e dous **moços da capella**, e dous **moços da camara** e dous moços d' estribeira se partio muy secretamente» [VFDJ 612]

Nesses dois casos, os complementos significam ‘local onde N1 desempenha uma determinada função’.

5) *sinal da cruz*³⁰

«E *que* seia *aquel* obrador digno *pera* ffazer cõ elle o **sinal da cruz** assi *que* todos *aquelles que* com el forẽ vntados no *santo* bautismo que acabẽ a beeçõ *conprida* *pera* os corpos e *pera* as almas» [PP III.691]

Nesse caso, o complemento preposicional denota o ‘modo como se realiza N1’.

Esses exemplos em que o segundo nome (N2) é precedido de um determinante, no caso, o artigo definido, evidenciam que há, no conjunto de compostos NprepN, considerados sintáticos, construções em que o uso da preposição contraída com o artigo definido se encontra lexicalizado, não se registrando o nome sem determinante: *escrivam de camara*, *escrivam de Fazenda*, *maestre de nave*, *moço de capella*, *moço de camara*, *sinal de cruz*. A determinação pode estar relacionada com ao caráter de unicidade do nome, considerando-se que: havia uma só câmara, uma só Fazenda, uma só nave (‘navio’), uma só capella, uma só cruz.

²⁸ Maestre da nave corresponde a ‘capitão do navio’ (SANTOS, 2009, vol. II, s.u. *escrivam da Fazenda*).

²⁹ Os termos correspondem a ‘criado que serve na capella-mor’ e ‘criado que serve na câmara do rei’, respectivamente (SANTOS, 2009, vol. II, s.u. *moço(s) da capella* e *moços da capella*).

³⁰ ‘Sinal que fazem os cristãos, levando sucessivamente a mão direita da testa ao peito e do ombro esquerdo ao ombro direito’ (SANTOS, 2009, vol. II, s.u. *sinal da cruz*).

3.3. *A flexão de número e a atribuição de gênero em compostos NprepN e NN*

3.3.1. *Flexão de número*

Quanto ao aspecto flexional, combinações com a estrutura NprepN inserem-se no grupo de compostos em que apenas o núcleo (localizado à esquerda) é pluralizado. O *corpus* fornece vários exemplos em que a marca de plural incide no elemento da esquerda, o que caracteriza essas combinações como “construções” e não como compostos, na concepção de Booij (2005): *porteiros de maça*, *cartas de seguro*, *clerigos de missa*, *filhas d’algo*, *filhos d’algo*, *homens d’ordê*, *moços da camara*, *moços d’estribeira*, *mulheres d’ordin*, *ordihados de mysa*, *panos de doo*, *seelos de chumbo*, *veadores da Fazenda*.

Em algumas construções, o nome que integra o complemento do núcleo, por fazer referência a uma ideia plural, apresenta-se no plural: é o caso de *cavaleiro d’armas*, *cota d’armas*, *homens d’armas*, *maestre das chagas*, *moços d’esporas*, *reys d’armas*. O composto *pano de ras* apresenta o plural *panos d’arrazes*, com o segundo constituinte também pluralizado. Tendo em vista que (*ar*)*ras* corresponde ao topônimo Arras, cidade do norte da França, famosa por suas tapeçarias, a caracterização de unicidade do nome próprio bloquearia a pluralização. Porém, o contexto de rima leva ao uso da forma pluralizada:

«Vi eu de coteifes azes / con infanções [s]iguazes / mui peores ca rapazes; / e ouveron tal pavor, / que os seus **panos d’arrazes** / tornaron doutra color» [CEMD 21.23]

A dupla pluralização ocorre, ainda, no composto *carta de poder* (‘carta (régia) que delega a outrem certos poderes’, ‘autorização, procuração’), uma vez que a forma singular não é *carta de poderes*:

«sob obrigaçã expresa que pera ello fazemos de todos nossos bões patrimoniaees e fiscaees e outros quaeesquer de nosos vasallos e subditos e naturaees mouees e raizes auudos e por auer por firmeza do qual mandamos dar esta nossa **carta de poder**, a qual firmamos de nosos nomes e mandamos seelar com nosso seelo» [TT 3v.4]
«segundo ambas as ditas partes o mostrarã pollas **cartas de poderes** e procuraçõees dos ditos Senhores seus constituintes das quaes seu theor de verbo a verbo he este que se segue» [TT 2v.5]

Em comparação com os dados de compostos NN do mesmo *corpus* utilizado por Santos (2009), observamos uma variação na forma de marcar o plural de *mestre-sala*:

«E diante do principe muytas trombetas, atambores, charamelas, e sacabuxas, e outros muitos estormentos, e muitos porteiros da maça, reys d'armas, porteiros-mores, **mestre-salas**, veador, e o mordomo-mor com todallas cerimonias reaes» [VFDJ 65]

«E diante dela muitas trombetas, e atabales, charamelas, e sacabuxas, muitos porteiros de maça, e reys d'armas d'el-rey e da raynha de Castella vestidos de ricas sedas e bem encavalgados, e seus **mestre-salas**, veador, e mordomo-mor ricamente vestidos» [VFDJ 5457]

«os quais eram pessoas honrradas, cortesãos, e cidadãos que ali entravam per mandado dos **mestres-salas**» [VFDJ 5222]

«E na sala da madeira nestes dous banquetes, e assi nos outros dias dos momos qualquer homem que ahi vinha rebuçado com touca era logo **pollos mestres-salas** e porteiros-mores muy bem agasalhado onde bem via tudo» [VFDJ 5638]

«E entam vinham muitos porteiros de maça, muytos officaes, todos ricamente vestidos e encavalgados, e apos eles o porteyro-mor e depois **quatro mestres-salas**, e atras o mordomo-mor, todos com opas roçagantes de ricos brocados, e tellas d'ouro com ricos forros» [VFDJ 5815]

Os dados correspondentes às formas flexionadas de *mestre-sala* se reduzem a esses exemplos, registrados em um texto do século XVI. Interessante observar que há duas ocorrências de pluralização externa ($N_{-Flex} N_{+Flex}$) e três de pluralização interna e externa ($N_{+Flex} N_{+Flex}$). A relação que se observa nesse composto é, no entanto, de subordinação e não de coordenação, em que o termo da direita modifica o constituinte da esquerda, o núcleo, onde se esperaria a flexão apenas interna, *mestres-sala*³¹, forma que, no entanto, não foi registrada.

Em resumo, os dados apresentados evidenciam a natureza sintática de combinações NprepN que, no entanto, por um processo de reanálise, passam a corresponder a uma unidade lexical, isto é, passam a designar um conceito unitário. Considerando-se os demais tipos de compostos - compostos morfológicos e compostos morfossintáticos - e o seu comportamento em relação à estrutura sintática interna, observa-se que os compostos com a configuração NprepN (e NprepV, VconjV, NA e AN, conforme Rio-Torto; Ribeiro, 2012) estão mais próximos de construções sintáticas, pois a sua estrutura interna obedece às regras sintáticas.

Comparando-se, portanto, os modos de pluralização de compostos NprepN e NN, observa-se que os primeiros apresentam uma previsibilidade quanto ao *locus* de inflexão, por este corresponder ao núcleo sintático (e semântico),

³¹ Lembramos que o plural indicado no dicionário Houaiss (2009, s.v. mestre-sala) é *mestres-salas*.

enquanto que a pluralização de NN parece mais propensa à oscilação, embora se reconheça que, em português, o núcleo é representado pelo constituinte localizado à esquerda. Nesse caso, a pluralização de N2 pode estar relacionada com a interpretação desse constituinte como um adjetivo, com função atributiva, e não como nome.

Padrão compositivo	Flexão interna	Flexão externa	Flexão interna e externa
[NN] _N	-	<i>mestre-sala<u>s</u></i>	<i>mestres-sala<u>s</u></i> <i>pedra<u>s</u> marmore<u>s</u></i>
[NprepN] _N	<i>porteiro<u>s</u> de</i> <i>maça, carta<u>s</u> de</i> <i>seguro, clerigo<u>s</u></i> <i>de missa, filha<u>s</u></i> <i>d'algo carta<u>s</u> de</i> <i>poder etc.</i>	-	<i>carta<u>s</u> de poder<u>es</u> (?)</i>

Quadro 1 - Flexão de número

Observa-se, nos dados do Quadro 1, a expressão *cartas de poder*, com a flexão incidindo apenas no núcleo, e *cartas de poderes*, em que ambos os constituintes nominais refletem a categoria morfossintática de número. A forma singular *carta de poderes*, no entanto, não foi registrada.

3.3.2. Variação de gênero

A variação de gênero em compostos com a estrutura NprepN foi observada em dois casos: a) *filha d'algo* (ao lado de *filho dalgo*) nesse caso, consistindo num processo de flexão interna:

«Perçebudo deue sseer o julgador *que ouuer poer pena <a> algũ per rrazã de sacrilegio que ouuesse ffeyto. Ca deue meter mētes que homẽ é o que faz, se é **filho dalgo** ou nõ» [PP XXI.262]*

«Mandamos *que nenhuu **fidalgo** nõ se possa tornar vassalo de nenguu ata que se espeça de seu sennor quer per sy quer per outrĩ mãdadeyro **filho dalgo***» [FR III.976]³²

«Conta a estorya que el rey dom Ramiro – que foy o primeiro rey d'Aragon, segundo vos dito avemos no começo – que foy filho del rey dom Sancho de Navarra, o Mayor, e ouveo em hũa dona **filha d'algo**; e era natural de hũu castello que chamavõ Agaron» [CGE3 257.19]

³² Nesse exemplo, *filho dalgo* tem emprego adjetival e *fidalgo* nominal.

«Como Santa Maria guareceu en Vila-Sirga hũa dona **filladalgo** / de França, que avia todo-los nenbros do corpo tolleitos» [CSM 268.1]

e em b) *homẽ d'ordẽ e molher d'ordĩ*, correspondentes a 'religioso' e 'religiosa', respectivamente, em que o processo de variação genérica é de natureza heteronímica. Como não poderia ser diferente, a variação incide sobre o núcleo, localizado à esquerda da unidade plurilexical:

«e na gent' é tan grande a cobiiça, / que non á i conselho nen mesura; / Ca non leixan spital nen egleja, / romeu, nen dona, nen omen fidalgo, / nen **omen d'orden**, por bõõ que seja» [CEMD 277.10]

«Qualquer omẽ que *per* força ou *per* prazer cũ **molher d'ordĩ** que sabbia, poys que foy beyta assi como é custome, (e) casar cũ ella, ella seya tornada a sseu moesterio» [FR IV.450]

No que diz respeito aos compostos NN, não se verificaram registros de variação do núcleo relativamente a gênero, mas observou-se a inteira concordância do gênero do produto compositivo com o gênero do núcleo nominal (no caso dos compostos com constituintes de gêneros diferentes): *dos mestres-salas* ($[N_{+masc} N_{-masc}]_{N+masc}$: o composto apresenta gênero masculino, como *mestre*), *hũas pedras marmores* ($[N_{-masc} N_{+/-masc}]_{N-masc}$: o composto apresenta gênero feminino, como *pedra*³³³⁴). Nesses compostos, evidentemente endocêntricos, caracterizados pelos traços [+humano] e [-humano], respectivamente, o núcleo semântico coincide com o núcleo sintático.

Em resumo, considerando-se os compostos cujo referente é um ser vivo, tem-se para o gênero:

³³ De acordo com Piel (1953, p. 224), *mármore* foi forma feminina no português antigo, talvez por influência de *pedra*. Por outro lado, como o singular deveria soar *marmor*, sem o *-e*, como nas formas (a) *árvor* e (a) *lébor* 'lebre', por exemplo, o gênero feminino pode também se dever à analogia.

³⁴ A expansão dessa sequência com um adjetivo exigiria a concordância desse modificador com o substantivo "pedras": *hũas pedras marmores brancas e pretas* / *?hũas pedras marmores brancos e pretos*. Por outro lado, a estrutura expandida *pedras de mármore* ambigua a possibilidade de flexão: *hũas pedras de mármore brancas e pretas* / *hũas pedras de mármore branco e preto*. Quando o especificador também está no plural (*mármores*), a expectativa é de que a sequência expansora concorde em gênero com ele: *hũas pedras de mármore brancos e pretos*.

Padrão compositivo	Variação interna	Variação interna e externa	Outros processos
[NN] _N	-	-	-
[NprepN] _N	<i>filha d'algo</i> (filho d'algo)	-	<i>molher d'ordĩ</i> (omen d'orden)

Quadro 2 - Variação de gênero

Considerando-se os aspectos apresentados - flexão e determinação - aplicados a alguns dados do português arcaico, tem-se que:

- No que diz respeito a propriedades de **flexão de número**, observa-se que compostos NprepN apresentam-se regulares quanto à marcação do plural, o qual incide apenas sobre o núcleo (*porteiros de maça*, *cartas de seguro*, *clerigos de missa*, *filhas d'algo*). Há dois exemplos em que há a variação de número nos dois constituintes nominais (*panos de arrazes* e *cartas de poderes*). Os compostos NN, por sua vez, talvez devido ao seu distanciamento de estruturas sintáticas prototípicas, apresentaram oscilação quanto ao local de marcação do plural (*mestre-salas*, *mestres-salas*). Entretanto, em ambos os casos - NprepN e NN -, a flexão interna indica uma maior proximidade com construções sintáticas.

- Em relação à **designação de gênero**, observou-se, apenas no caso dos compostos NprepN, a ocorrência de variação morfológica (*filho d'algo/filha d'algo*) e outros processos não morfológicos, como a heteronímia de radicais (*omen d'orden/molher d'ordĩ*). Nos compostos NN, não se verificou variação de gênero, mas se observou que o gênero da construção é dedutível a partir do do núcleo (*o mestre-sala*).

- Quanto à **determinação**, ela se aplica apenas aos compostos NprepN. De acordo com os dados, as condições de determinação do segundo nominal (N2) podem ser modificadas nesse tipo de construção. Nesse caso, a construção perderia a sua unidade léxica, uma vez que a referência é modificada. No entanto, a análise dos dados demonstrou que a variação nas condições de determinação não significou a desconstrução do caráter composicional da estrutura. Esse fato pode ser atribuído à variabilidade gráfica e linguística que caracteriza o português arcaico. A exceção talvez seja *clerigo de missa* e *clerigo da missa*, cuja interpretação do contexto em que essas formas estão inseridas suscita dúvidas. Por outro lado, os dados também indicaram compostos com N2 determinado, constituindo, contrariamente, a ausência de determinação uma possível modificação da referência.

Em resumo, observa-se que os compostos NprepN apresentam-se mais regulares em relação a operações de natureza sintática, quando comparados com os compostos NN, considerados mais distanciados de estruturas sintáticas prototípicas. Portanto, são os compostos NprepN os que mais se assemelham a sintagmas nominais da sintaxe livre (BUSTOS GISBERT, 1986, p. 72), possuindo um caráter mais sintático e mais periféricos frente aos compostos morfológicos e morfossintáticos.

Considerações finais

Observou-se, ao longo do estudo e da análise das estruturas registradas como compostos NprepN, uma tendência da língua antiga de utilizar essa configuração sintagmática na denominação de entidades físicas e abstratas, adequando-se a sua nova situação, desprovida dos marcadores morfológicos dos casos latinos. Notou-se, ainda, que a estrutura NprepN recobre compostos endocêntricos e compostos exocêntricos, o que permite estabelecer, dentro da própria categoria, diferentes níveis de opacidade notadamente semântica. Embora não seja consensual a inclusão desse paradigma no universo da composição de palavras, verificou-se que o esquema NprepN é gerador de uma imensa gama de produtos lexicais, o que se deve a sua relativa liberdade combinatória. Além disso, o seu caráter analítico, e em geral transparente, também é responsável pela sua produtividade³⁵.

Compostos NprepN apresentam, quanto à flexão, a configuração de frase, pois a marcação flexional incide sobre o núcleo. Por outro lado, têm estatuto lexical, pois constituem expressões estabelecidas e correspondentes a uma unidade léxica, uma vez que designam um conceito unitário. Nesse sentido, pode-se falar de compostos sintáticos, uma vez que se está a lidar com conceitos de sintaxe e de léxico.

Por último, gostaríamos de retomar a atenção para o fato de algumas formas aglutinadas terem sua origem em uma configuração NprepN, assim como algumas formas com estrutura NN, após sofrerem o apagamento da preposição. Enquanto as estruturas NN adquirem estatuto morfossintático, os aglutinados comportam-se como entidades morfológicas. Como exemplo de

³⁵ Le Pesant (2003, p. 109) reflete que esquemas produtivos de nomes compostos, como o representado por NprepN, têm uma particular importância na língua, e uma das razões é justamente o fato de se situarem em um limite inferior de fixação, o que por si só justifica a introdução da noção de grau de *figement* no âmbito dos compostos.

forma aglutinada, tem-se *fidalgo*, resultante da justaposição portuguesa “filho de algo”. Considerando-se o mecanismo de flexão, observa-se que tanto a flexão de número quanto a atribuição de gênero ocorre à direita, no final da palavra - *fidalgos/fidalga*³⁶ -, com escopo sobre toda a construção:

«El rey dom Garcia, vñdo assi fugindo ante el rei dom Sancho e veendo que per aquella guisa nõ lhe podya scapar, chamou todos seus **fidalgos** e ricos homẽes e disselhes:» [CGE3 358.5]

«e vinha por sua aya e camareira-mor Dona Isabel de Sousa portuguesa, molher muito **fidalga**, e prudente, e de muy onesta vida» [VFDJ 5296]

No que se refere à interação de compostos NN com compostos de estrutura subjacente NprepN, são exemplos do *corpus maestre scola*, *mestre-salas* e *pedra marmor*, formas cuja configuração sintática interna envolve uma preposição (estruturas subjacentes: *mestre de escola*³⁷, *mestre de sala* e *pedra de mármore*, respectivamente), e cujo núcleo sintático e semântico está constituído pelo nome à esquerda:

«Mais os outros prelados que <nõ> som feytos per sliçõ de sseus cabidoos nõ podẽ scomũgar, assi como arçadiagoou ou arçipreste ou chãtre ou **maestre scola** ou thesoueyro» [PP XII.259]

«E diante do principe muytas trombetas, atambores, charamelas, e sacabuxas, e outros muitos estormentos, e muitos porteiros da maça, reys d'armas, porteiros-mores, **mestre-salas**, veador, e o mordomo-mor com todallas cerimonias reaes» [VFDJ 65]

«E Almãçor mandou logo quebrantar e destruyr todallas portas da cidade, que eram bem obras de **pedra marmor**, e a mayor torre da alçaçova, que estava sobre a porta descontra ouriente» [CGE3 181.12]

³⁶ Contudo, a variação externa de gênero desse vocábulo (*fidalgo/fidalga*) foi verificada apenas no texto *Vida e feitos d'El Rey Dom João*, situado nas primeiras décadas do séc. XVI. No entanto, nos textos analisados, é possível encontrar tanto a estrutura sintagmática quanto a forma amalgamada (mais frequente): «E foy homẽ muy esforçado e muy amado dos **filhos d'algo** e fez muytas batalhas com os mouros e muytos outros bõds feitos que fez per todo o reyno» [CGE3 265.4]; «ca el dizem que foi mui luxurioso, de guisa que quaaesquer molheres que lhe bem pareciam, posto que **filhas d'algo** e molheres de cavaleiros fossem, e isso meesmo donas d'ordem ou d'outro estado, que nom guardava mais hũuas que outras» [CDP XVI.15].

³⁷ No caso de *maestre scola*, a acepção expressa por essa forma é também encontrada sob o modelo NA, como demonstram duas ocorrências de *meestre scolar* e uma de *maestre scolar*, registradas na *Primeyra Partida*.

Observa-se, portanto, que compostos sintagmáticos são suscetíveis de modificação ao longo da sua história, podendo chegar à unificação morfológica e fonológica, e até mesmo à unificação na escrita.

O fato de estruturas NprepN estarem na base de formações NN, ou a elas equivalerem sintaticamente, e, ainda, de constituírem a origem sintagmática de formas monoacentuadas ditas “aglutinadas”, como *fidalgo* (< *filho de algo*), constitui uma justificativa plausível de que se trata, realmente, de estruturas legítimas para a formação de compostos, autorizando, desta forma, a sua inclusão no âmbito dos estudos das palavras compostas, ao lado dos chamados compostos morfológicos e morfossintáticos.

Referências

- BARBOSA, Jeronymo Soares. **Grammatica Philosophica da lingua portuguesa** (ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem). 7ª ed., Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1881 [1822].
- BARROS, João de. **Gramática da língua portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha**. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e notas por Maria Leonor Carvalho Buescu. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971 [1540].
- BOOIJ, Geert. Compounding and construction morphology. In: LIEBER, Rochelle; ŠTEKAUER, Pavol (eds.). **The Oxford Handbook of Compounding**. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 201-216.
- BOOIJ, Geert. **The Grammar of Words**. Oxford: Oxford University Press.
- BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Lexicalization and Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BUSTOS GISBERT, Eugenio de. **La composición nominal en español**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1986.
- CUNHA, Celso; LINDLEY CINTRA, Luís F. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DARMESTER, A. **Traité de la formation des mots composés de la langue française**. 2ª. ed., Paris: E. Bouillon, 1894 [1874].
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- Dizionario Etimologico Online**. Disponível em <http://www.etimo.it/>. Acesso em 03 de abril de 2015.
- GARCIA, Janete Melasso; CASTRO, Jane A.R. Ottoni. **Dicionário gramatical de latim**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

- GOMES, Rita Costa. **The Making of a Court Society: Kings and Nobles in Late Medieval Portugal.** Translated by Alison Aiken. New York: Cambridge University Press, 2007.
- GUEVARA, Emiliano; e SCALISE, Sergio. Searching for Universals in Compounding. In: SCALISE, S.; MAGNI, E.; e BISESTO, A. (Eds.). **Universals of Language Today**, Dordrecht: Springer, 2009, p. 101-128.
- KASTOVSKY, Dieter. Hans Marchand and the Marchandean. In: LIEBER, Rochelle; ŠTEKAUER, Pavol (eds.). **The Oxford Handbook of Compounding.** Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 99-124.
- LANG, Mervyn F. **Formación de palabras en español.** Morfología derivativa productiva en el léxico moderno. 2ª ed., Madrid: Cátedra. Tradução do original inglês *Spanish Word Formation*, 1997.
- LE PESANT, Denis. Quelques schèmes productifs de noms composés de forme *N de N*. **Cahiers de Lexicologie**, 82, 2003, p. 105-115.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. **Problemas de lingüística descritiva.** 17ª ed., Petrópolis: Vozes, 1998 [1971].
- MATTOSO CÂMARA JR., J. **História e estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- MAURER JR., Th. Henrique. **Gramática do latim vulgar.** Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- MOYNA, María Irene. **Compound Words in Spanish. Theory and history.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.
- NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e morfologia).** 5ª ed., Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1956.
- PIEL, Joseph Maria. **Miscelânea de etimologia portuguesa e galega** (primeira série). Coimbra: *Acta Universitatis Conimbricensis*, 1953.
- PIEL, Joseph Maria. Coteifes orpelados, panos d'arrazes e martinhos. In: IDEM. **Estudos de linguística histórica galego-portuguesa.** Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989[1966], p. 115-122.
- RIBEIRO, Sílvia. **Compostos nominais em português:** as estruturas VN, NN, NprepN e NA. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- RIBEIRO, Sílvia. **Compostos nominais em português:** as estruturas VN, NN, Nprep e NA. München: Lincom, 2010.
- RIBEIRO, Sílvia; RIO-TORTO, Graça. Composição. In: RIO-TORTO, Graça; RODRIGUES, Alexandra Soares; PEREIRA, Isabel; PEREIRA, Rui; RIBEIRO, Sílvia. **Gramática derivacional do português.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 385-431

- RIBEIRO, Sílvia; RIO-TORTO, Graça. Denominações compositivas de estrutura VN, NN, NprepN e NA: nexos intralexicais. In: ILIESCU, M. et al. (eds.), **Actes du XXV Congrès International de Philologie et de Linguistique Romanes**. Tome VII. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010, p. 477-487.
- RIO-TORTO, Graça. Nouns in apposition: Portuguese data. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, Vol. 8, 2013, p. 17-38.
- RIO-TORTO, Graça; RIBEIRO, Sílvia. Portuguese compounds. **Probus**, 21 (1), 2012, p. 119-145.
- RIO-TORTO, Graça; RIBEIRO, Sílvia. Compounds in Portuguese. **Lingue e Linguaggio** VIII(2), 2009, p. 271-291.
- SAIDALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3ª ed. melhorada e aumentada de *Lexeologia e Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SANTOS, Antonia Vieira dos. Do composto sintagmático ao lexema aglutinado: consequências morfológicas e sintáticas. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; OLIVEIRA, Klebson; AMARANTE, José (orgs.). **Várias navegações: português arcaico, português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos em homenagem a Therezinha Barreto**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 239-258.
- SANTOS, Antonia Vieira dos. **Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e NprepN no português arcaico (sécs. XIII-XVI)**. 2009, Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Volume 1 e Volume 2, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- VAL ÁLVARO, José. La composición. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (dir.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Vol. III: Entre la oración y el discurso/Morfología. Madrid: Editorial Espasa/Calpe, 1999, p. 4757-4842.
- VASCONCELLOS, J. Leite de. **Lições de filologia portuguesa**. 3ª ed., enriquecida com notas do autor, prefaciada e anotada por Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

Submetido em 21 de fevereiro de 2016

Aceito em 5 de maio de 2016